

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**DISCURSO, IMAGEM E REDES DE SENTIDO: QUANDO O ACONTECIMENTO
JORNALÍSTICO ESCREVE A HISTÓRIA DO PRESENTE**

Ferreira, Lucia Maria Alves

lmf@connection.com.br

Doutora em Linguística

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Como observa Pierre Nora no texto “O retorno do fato” (1976, p. 183-193), os meios de comunicação trouxeram de volta à cena o acontecimento, permitindo ao homem vivenciar a história contemporânea: “o acontecimento é projetado, lançado na vida privada e oferecido sob a forma de espetáculo”. A democracia do acontecimento e a sua espetacularidade, nos diz Nora, progrediram juntas. Ao tornar-se imediatamente público, o acontecimento contemporâneo nos transforma em *voyeurs* da atualidade, trazendo ao historiador um novo problema: ao promover o imediato ao histórico, o acontecimento surge antes do trabalho do tempo; é um acontecimento sem historiador, que demanda explicação e que faz surgir também aquilo que não é factual, um conjunto de fenômenos sociais que surgem das profundezas e que demandam esclarecimento.

Em uma sociedade marcada por uma demanda por imediação na comunicação, por informação e por inteligibilidade, o jornalismo passou, então, a tecer as redes de sentido a que o acontecimento será filiado, subtraindo da história o papel de principal formulador da memória, produzindo sentidos e investindo os acontecimentos de relevância histórica.

A eficácia simbólica dos discursos produzidos pelo jornalismo, a exemplo do que ocorre com todas as práticas discursivas que se institucionalizam, é decorrente de uma memória já estabilizada sobre seus modos de funcionamento. A ancoragem factual reforça o efeito de transparência. A opacidade dos enunciados é apenas percebida na desmontagem dos arranjos sócio-históricos que orientam o funcionamento do discurso.

É nesta perspectiva que investigo os processos discursivos que sustentam os efeitos de sentido suscitados por narrativas jornalísticas acerca de acontecimentos relacionados aos episódios de

libertação dos reféns das Farc ocorridos entre 2007 e 2008. O trabalho tem por base uma pesquisa em andamento que visa explicitar as montagens e os arranjos sócio-históricos que tecem a trama discursiva ao longo do tempo, procurando flagrar o trabalho do discurso sobre o acontecimento e as identificações e redes de memória a que é filiado.

Análises da materialidade discursiva verbal de matérias jornalísticas acerca das negociações que culminaram com a libertação de Clara Rojas e Consuelo Gonzáles em 10 de janeiro de 2008 (Ferreira, 2009) indicam que o acontecimento pré-configurado no início de novembro como *uma troca de reféns colombianos e estrangeiros por guerrilheiros presos* foi, no seu contexto de atualidade e espaço de memória, sendo reconfigurado de diferentes formas: *aventura chavista; operação marqueteira de Chávez; show de propaganda e autopromoção; samba do crioulo doido; farsa; acordo humanitário; operação humanitária; questão humanitária internacional*.

As formas de denominação e definição da libertação unilateral dos reféns pelas Farc também indicam os embates ideológicos que contribuíram para sua configuração: *gesto de desagravo às famílias, a Chávez e à Senadora Piedad Córdoba; gesto de boa vontade das Farc; habilidosa estratégia política contra o governo colombiano; gesto calculado para conservar a interlocução*.

Da mesma forma, a referência às Farc revelam as tensões entre as diferentes formações discursivas que participaram da tecitura do texto jornalístico: *uma guerrilha esquerdista que perdeu o rumo; um bando que faz de gente inocente moeda de troca; grupo terrorista formado por narcoguerrilheiros; uma força beligerante que espera ser reconhecida; forças insurgentes com um projeto bolivariano*. A heterogeneidade nas denominações, que se relacionam pela contradição, indicam, como aponta Pêcheux (2002:19), que “uns e outros fazem trabalhar o acontecimento ... em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a organizar”.

Se nas análises anteriores tive como objeto a materialidade verbal, neste trabalho, apresento uma análise preliminar de uma configuração discursiva que se apóia tanto no verbal quanto no imagético. Focalizando essas duas regiões da construção discursiva dos sentidos, as seguintes perguntas nortearam a análise: (a) Que redes de sentido são construídas em torno do acontecimento e (b) Como se dá a relação entre o plano verbal e o imagético no discurso?

A materialidade verbal e imagética compoem a notícia

Nas hierarquizações, acomodações e deslocamentos de sentido que se inscrevem na materialidade da linguagem (verbal ou imagética) vão sendo construídas nas páginas dos periódicos representações dos acontecimentos que poderão vir a estabilizar-se no imaginário social e que, muitas vezes, lhes conferem a condição de acontecimento histórico e memorável, funcionando, portanto, em diferentes dimensões temporais simultaneamente. No entanto, conforme aponta Pêcheux (2002, p. 19), o acontecimento jornalístico “remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente ... e profundamente opaco”.

Ao relatar os acontecimentos, os jornais mobilizam uma memória já constituída sobre o seu funcionamento e a partir daí vão “desambigüizando” e ordenando o mundo, exercendo uma determinação nos sentidos e produzindo consensos. São utilizados saberes já estabelecidos, citações de autoridade, em uma linguagem em que se procura apagar as marcas da interpretação “em nome de fatos que falam por si” (Mariani, 1998, p. 59-66).

No jornalismo, assim como mais contemporaneamente, na história, o uso da imagem contribui para o efeito de verdade, a determinação dos sentidos e a produção de consensos promovidos pelas interpretações. A premissa de que “ver equivale a conhecer” está na base de toda economia política da imagem de informação”. Na imagem fotográfica, principalmente as instantâneas, está inscrito o fluxo interno do acontecimento, o estado de coisas anterior, assim como “a raiz de uma alteração imediata e radical” (Meneses, 2003, p. 138-139). As imagens apresentam-se então como “sínteses de experiência histórica, como potência materializada do acontecimento”(Mauad, 2008, p.45).

A utilização de diferentes materialidades significantes – verbal e imagética – no discurso jornalístico pode levar a uma tensão decorrente de disputas de interpretação suscitadas pela memória discursiva e pelos processos discursivo-interpretativos relacionados às especificidades das duas materialidades. Se muitas vezes o verbal vem interpor-se como explicação, paráfrase do imagético, reduzindo a imagem a um simples complemento, promovendo uma “disciplinização” de sua interpretação (Souza, 2001, p. 11), não são infrequentes os casos em que a o imagético e o verbal operam na direção do dissenso. É este o caso das matérias jornalísticas em que a escolha da imagem, da manchete e o efeito de diagramação funcionam seja para atrair o leitor para a redação da notícia que anunciam ou para instaurar um tom especulativo à matéria. Nestes casos, parece haver um processo ideológico de silenciamento da imagem pelo verbal. Por outro lado, também na perspectiva do dissenso com o texto verbal, as imagens podem instaurar não uma interpretação contrária à do texto verbal, mas um texto paralelo, um outro campo de significação construído por intermédio dos operadores discursivos não-verbais (cor, ângulo da câmara, elementos cênicos, luz e sombra, etc) que tecem a textualidade da imagem (Souza 2001: 79-81).

1º de dezembro de 2007

Na primeira página da edição, é publicada a primeira foto da ex-senadora Ingrid Betancourt após 4 anos de cativeiro, ao lado de uma impactante imagem fotográfica do último comício de Chávez antes do referendo popular sobre as alterações na constituição que, dentre outras, permitiriam sua reeleição.

A foto do comício, uma imagem panorâmica, tomada do alto, traz um conjunto de significantes que constroem uma cena grandiosa. Milhares de pessoas tingem de vermelho uma ampla avenida no centro de Caracas e as ruas vizinhas. Telhados vermelhos ampliam a prevalência da cor. Sobre a imagem, o verbal reitera o imagético no título *Caracas Vermelha* e na construção de uma

memória da cor que surge de forma contundente: o perigo vermelho. O sentido de ameaça materializa-se também no plano do verbal, na legenda: ...Chávez *ameaçou pegar em armas para defender a Venezuela ... se tiver saúde e o povo quiser fica no poder até 2050*. No que diz respeito ao comício, os sentidos mobilizados tanto na materialidade verbal quanto na imagética se constroem no imaginário relacionados à ameaça do comunismo e do totalitarismo.

Disposta ao lado da imagem do comício, a fotografia da ex-senadora e candidata à presidência da Colômbia, a mostra abatida, cabisbaixa, sofrida, aparentemente acorrentada¹. No plano verbal, a legenda apresenta-se como paráfrase do plano imagético: *Abatida e muito magra, Ingrid Betancourt, seqüestrada em 2002 pelas Farc, reaparece* Proveniente de um vídeo feito pelas Farc como prova de vida dos reféns, esta imagem, que remete interdiscursivamente a outras imagens, trazendo à lembrança figuras martirizadas e torturadas em campos de concentração, irá se tornar a foto ícone do resgate dos reféns e será divulgada nos periódicos em todo o mundo e afixada em ruas e outros espaços públicos na França.

O fato de que as duas fotografias são dispostas lado a lado na diagramação, e a historicidade que se inscreve em sua textualidade (até meados de novembro, o presidente Hugo Chávez era o mediador oficial das negociações para libertação dos reféns) sugerem que as imagens operam de forma autônoma do plano verbal, instaurando uma outra discursividade, diferente daquela que opera na materialidade verbal das legendas. Operadores discursivos não-verbais constroem, a partir das duas imagens, uma narrativa que configura uma relação entre o presidente venezuelano que pretende reeleger-se e o martírio de Ingrid. Aqui o verbal e o imagético não funcionam em uma relação de complementaridade na construção da notícia. No texto jornalístico, como em outros produtos da cultura que se valem do verbal e do imagético na construção de narrativas, as duas materialidades funcionam em composição, relacionando-se pela contradição “cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra” (Laggazzi-Rodrigues, 2007, p. 2).

03 de julho de 2008

Nos dias que se seguem à libertação dos 15 reféns, em 02 de julho de 2008, dentre os quais a ex-senadora Ingrid Betancout, a operação do exército colombiano, descrita como cinematográfica em algumas narrativas, irá acrescentar novas redes discursivas ao episódio. Analistas do conflito apontam para a derrota das Farc, que estariam em seu pior momento, com a morte de líderes e deserções e assim perdem espaço político para reivindicar o seu reconhecimento como grupo beligerante. Ganha destaque também a participação americana e israelense na preparação do resgate, assim como a suspeita de que teria de fato havido uma negociação envolvendo o pagamento de \$20 milhões de dólares a um guerrilheiro. Outras análises apontam para o possível uso político do resgate pelo Presidente Uribe, que poderá tentar reeleger-se. Grande parte das matérias que retrata a ex-senadora destaca sua personalidade forte, determinação e disciplina e a caracteriza como uma pessoa

ambiciosa, com grande poder de persuasão; “virou um símbolo de resistência, de dignidade humana (5/7/2008, p. 33). Ganha voz também a dissidência, marca de uma heterogeneidade que se mostra como operador discursivo do jornalístico . O escritor colombiano Fernando Vallejo, que participava da Festa Literária Internacional de Paraty, critica não apenas a ex-senadora, por ter “buscado seu seqüestro”, como a incompetência das Farc, “um bando de narcotraficantes assassinos”, em mantê-la presa.

Em meio à ampla cobertura nos dias que se seguiram ao resgate, o jornal publica uma matéria cuja manchete aponta para a derrota política do presidente Chávez, que não participou diretamente das operações: *Derrotado politicamente, Hugo Chávez silencia – Presidente venezuelano sai enfraquecido com a libertação dos reféns sem sua participação, afirmam analistas*. A imagem que compõe a matéria mostra Ingrid, os reféns e outras pessoas ajoelhadas na pista do aeroporto, tendo ao fundo um avião da Força Aérea Colombiana. A legenda indica: *Ingrid e sua mãe rezam ajoelhadas ao lado de outros reféns libertados ontem na Colômbia: júbilo*. Também aqui a relação entre a manchete a foto e a sua legenda apontam para uma composição singular. Se até meados de novembro a libertação dos reféns era narrada a partir de um enquadramento na mediação de Chávez, que protagonizava inúmeras imagens, aqui sua derrota política é anunciada no plano verbal e sua visibilidade é apagada no imagético. Observa-se que a imagem instaura um texto à parte, aparentemente desvinculado da notícia. Os operadores discursivos que compõem a imagem remetem a uma memória discursiva outra, cristã-religiosa, que constitui e estrutura a forma-sujeito ocidental. Também discursivamente funciona a imagem do avião que, em um plano mais distante, compõe a imagem como pano de fundo da cena, evocando os ideais de unidade e defesa da nação e dos cidadãos. O religioso e o político se constroem juntos em uma relação quase simbiótica, evocando os discursos de construção das nações latinoamericanas.

Considerações finais

A análise apresentada tem como objeto diferentes materialidades significantes – verbal e imagética –, consideradas estruturas materiais em composição que muitas vezes se relacionam na tensão decorrente de disputas de interpretação suscitadas pela memória discursiva e pelos processos discursivo-interpretativos relacionados à incompletude das duas materialidades.

No que diz respeito à discursivização do acontecimento histórico nas páginas dos periódicos, o que se percebe é uma imperiosa necessidade de interpretar e organizar direções de sentido para o acontecimento. São constantes os deslocamentos e realocamentos da memória. No plano verbal e no imagético estão inscritas as tensões sócio-históricas que determinaram a sua configuração. Na imprensa, tece-se, então, na interação entre texto e imagem um fio narrativo que transforma os fatos do cotidiano em acontecimentos jornalísticos inteligíveis e

interpretáveis. Incompleto e aberto a novas interpretações, o acontecimento vai sendo filiado a sentidos já existentes, mas sempre permitindo que o novo irrompa e o complete.

A eficácia simbólica do discurso da imprensa advém de suas estratégias enunciativas. No caso em pauta, a relação entre o plano verbal e o imagético, muitas vezes de dissenso, permite a ampliação da rede de sentidos que constroem, na tecitura do texto jornalístico, o acontecimento, flagrando-o em sua dinamicidade, abrindo possibilidades e forjando novas formas de discursivizá-lo.

Referências bibliográficas

- FERREIRA, Lucia M. A . Discursivizando a história do presente na imprensa o resgate dos reféns das farc (nov. 2007- jan. 2008). *Morpheus*, ano 7, volume 13, Rio de Janeiro, 2008. Aceito para publicação.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades. Trabalho apresentado ao XXIII Enampoll, USP, 2008. <http://www.fflch.usp.br/dlm/modernas/anpoll-frame.htm>, acessado em 01 de setembro de 2009.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.
- MAUAD, Ana M. Foto-ícones, a história por detrás das imagens? Considerações sobre a narratividade das imagens técnicas. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). *Imagens da História*. São Paulo: Hucitec, 2008, v. 1, p. 33-66.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo* - Revista do Departamento de História da UFF, Niterói, no. 14, 2003, p.131-151.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. _____ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso – estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- SOUZA, Tânia Conceição Clemente de Souza. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Rua*, Campinas, no. 7, 2001, p. 65-94.

ⁱ Na verdade, a ex-senadora usava uma pulseira que aparece mais claramente nas fotos tiradas após a sua fuga em julho de 2008.